



Estátuas ou bailarinas? Contribuições de Gaiarsa para uma multimodalidade corporificada na análise da linguagem dos manifestantes antidemocráticos

Statues or Ballerinas? Gaiarsa's Contributions to an Embodied Multimodality in the Analysis of the Language of the Brazilians Anti-Democratic Demonstrators

Francis Arthuso Paiva

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil
francis@teiacoltec.org

<https://orcid.org/0000-0002-9083-3342>

Resumo: Este artigo possui pressuposto sociossemiótico e proprioceptivo. Do ponto de vista sociossemiótico, a prática comunicacional das pessoas consiste em ressignificar, mais do que criar originalmente. Ao mesmo tempo, existe má distribuição de recursos de linguagem motivada pelas relações desiguais de poder entre pessoas e classes sociais. Por isso, grupos com recursos escassos tendem a reproduzir práticas comunicacionais com os recursos mais disponíveis e que são compartilhados por mais pessoas. A ressignificação e a reprodução de recursos fazem com que as práticas comunicacionais se tornem hábitos. Do ponto de vista proprioceptivo, os hábitos são oriundos de atitudes formadas pelos músculos, provocadas pelas relações de força entre as pessoas e o mundo. Logo, este artigo apresenta como tese que uma prática comunicacional de ressignificação, ao se tornar hábito, pode ela mesma se tornar uma linguagem. Trata-se de artigo de desenvolvimento teórico, embasado em pesquisa bibliográfica, que busca síntese entre duas teorias. O objetivo é propor fundamentação para analisar a multimodalidade corporificada. O artigo sistematiza como práticas comunicacionais se tornam hábitos e propõe método de análise dessas práticas. Fundamentado nesse método, apresenta análise da linguagem dos manifestantes antidemocráticos pós-eleções brasileiras 2022. O resultado aponta para uma linguagem antigeocêntrica, da negação do corpo, do mundo e da vida, que emerge dos hábitos de ressignificação incorporados pelos manifestantes, cujo discurso é pautado no idealismo religioso, e o militarismo é sua consequência. A conclusão é que as próprias escolhas de design das práticas comunicacionais dos manifestantes são uma linguagem, pois são passíveis de produção de sentido.

Palavras-chave: corpo; hábitos; multimodalidade; práticas comunicacionais; propriocepção.

Abstract: This article has a social semiotic and proprioceptive assumption. From the social semiotic point of view, people's communication practice consists of resignifying languages, rather than creating them originally. At the same time, there is a maldistribution of language resources motivated by unequal power relations between people and social classes. Therefore, groups with scarce resources tend to reproduce communicational practices with the most available resources and which are shared by more people. The resignification and reproduction of resources make communicational practices become habits. From the proprioceptive point of view, habits come from attitudes formed by muscles, caused by power relations between people and the world. Therefore, this article presents as a thesis that a communicational practice of reframing, when becoming a habit, can itself become a language. This is a theoretical development article, based on bibliographical research, which seeks a synthesis between two theories. The objective is to propose a method to analyze the embodied multimodality. The article systematizes how communicational practices become habits and proposes a method for analyzing these practices. Based on this method, it presents an analysis of the language of anti-democratic demonstrators after the Brazilian elections in 2022. The result points to a language of denial of the body, the world and life, which emerges from the habits of resignification incorporated by the demonstrators, whose discourse is based on religious idealism, and militarism is a consequence of it. The conclusion is that the very choices of the demonstrators' communicational practices are a language because it's possible produce meaning.

Keywords: body; habits; multimodality; communicational practices; proprioception.

Recebido em 20 de janeiro de 2023.

Aceito em 28 de agosto de 2023.

1 Movimento e força na produção de sentido

Quando vejo futebol, percebo que o mundo conceitual do jogador é um campo onde o trabalho semiótico decididamente não é realizado pela fala – muito menos pela escrita.

Kress

O título deste artigo faz referência à obra *A estátua e a bailarina* de José Ângelo Gaiarsa (2021[1976]), em que ele apresenta a sua teoria

proprioceptiva e psicanalítica sobre a constituição da personalidade pelas relações físicas entre o ser humano e o mundo. O objetivo deste artigo com o estudo de Gaiarsa (2021) é desenvolver fundamentação teórica para uma abordagem corporificada da multimodalidade que seja capaz de considerar mais elementos no arranjo multimodal em que a linguagem se constitui, sobretudo que considere elementos oriundos das relações da pessoa com os objetos, com outros seres e com o ambiente na produção de texto e de sentido. Desse modo, este artigo pretende contribuir para o problema de falta de estudos acerca do corpo e sua relação com os modos semióticos.

A pesquisa de Gualberto e Santos (2019) confirmou que a Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) tornou-se referência fundamental nos estudos da multimodalidade em layouts no Brasil. No entanto, essa gramática possui uma abordagem linguística, chamada por Bateman (2008) de multimodalidade linguística, cuja concepção é utilizar análises sistêmicas e funcionais do modo verbal para analisar imagens. Em decorrência disso, há limitações dessa abordagem linguística para a análise de outros modos semióticos além do imagético e sua relação com o verbal. Essa tradição dos estudos linguísticos fez com que os “estudos da multimodalidade dessem menos atenção ao uso de objetos e ao ambiente físico”, por isso, “nós devemos passar do estudo dos elementos linguísticos em direção a uma ampla perspectiva multimodal” (Kusters *et al*, 2017, p. 08)¹. Por essa razão, o objetivo deste artigo é fornecer análises que consideram o corpo no arranjo multimodal da comunicação humana.

Portanto, neste artigo, buscamos propor uma abordagem que possa analisar não apenas o produto do trabalho semiótico, isto é, os textos, mas também a própria prática comunicacional das pessoas, sendo ela mesma uma linguagem. O objetivo é corporificar a prática comunicacional, compreender suas manifestações, pois são passíveis de produção de sentido. Isto posto, este artigo defende a tese segundo a qual a prática comunicacional de ressignificação pode se tornar ela mesma uma linguagem, pois temos a seguinte hipótese. Como a distribuição de recursos de linguagem é desigual e a valorização desses recursos é assimétrica e hierárquica, as pessoas, suas comunidades e até mesmo a classe social a

¹ Tradução nossa para “Multimodality studies, there has been less attention to the use of objects and the physical environment in sign language studies. We should move from examining linguistic elements to a full multimodal perspective.”

que elas pertencem, nas suas práticas comunicacionais, optam por utilizar recursos consolidados, mais disponíveis e compartilhados por muitos. Com isso, as atitudes formadas pelos músculos a cada repetição de uso dos mesmos recursos fazem da prática comunicacional um hábito, um jeito de ser da pessoa, que é passível de produção de sentido.

A opção por Gaiarsa (2021) se deve ao fato de sua teoria considerar as relações de força entre as pessoas, entre elas e os objetos, além da relação com o próprio ambiente. Acreditamos que essa perspectiva contribui para corporificar a proposta de prática comunicacional desenvolvida por Kress e van Leeuwen (2001) e depois elaborada por Kress (2010), doravante passando a ser considerada uma prática comunicacional de ressignificação.

De acordo com Kress e van Leeuwen (2001) e Kress (2010), o design é a etapa da prática comunicacional em que as pessoas, conscientemente ou não, selecionam os recursos materiais, os recursos semióticos, os modos de representação e realizam o ajuste de aptidão entre o significante e o significado. A impressão é que o conceito de design na proposta deles seria um processo mental separado do corpo.

No entanto, é possível compreender as escolhas do design como um processo incorporado. Nossa justificativa para isso parte do conceito de Kress e van Leeuwen (2001, p.23) para proveniência (*provenance*), que é o *locus* a que a pessoa recorre para importar signos e recursos semióticos para o design, isto é, o seu repertório semiótico desenvolvido e conhecido pela comunidade interpretativa a que a pessoa pertence. Este artigo busca demonstrar que a proveniência dos recursos de linguagem pode ser também o próprio corpo na formação de atitudes, a partir do momento em que uma prática comunicacional se torna hábito. Enfim, o modo como as pessoas realizam as escolhas são também passíveis de produção de sentido, estejam elas conscientes disso ou não.

Este artigo apresenta como um dos resultados uma proposta de análise de signos que geralmente não são observados pela lupa do analista cujos métodos são oriundos da análise do modo verbal. Além disso, são signos que não passaram pelo processo de representação por modos semióticos consolidados nos estudos semióticos como o verbal falado e escrito, o imagético e o layout.

Outro resultado vem da análise da linguagem do manifestante antidemocrático. O resultado mostrou que o idealismo religioso fundamenta o discurso dele, dando origem a ações languageiras com seu corpo, que projetam seu desejo de se desprender deste mundo para buscar

o lugar ideal que almeja. Por isso, ele apresenta relações despropositais com os objetos e o ambiente em que as manifestações ocorrem, tais como enaltecer um pneu, buscar apoio físico nos muros e portões dos quarteis, tentar parar um caminhão se crucificando nele, chutar um veículo, relação mítica com a bandeira brasileira, entre outras. Trata-se de uma linguagem antigeocêntrica, de negação do corpo, da vida e do mundo.

A truculência, o marchar com força, o dedo em riste entre outros comportamentos violentos do manifestante, como a escalada da violência no dia 8 de janeiro de 2023, são consequências do idealismo religioso, porque revela o desejo de se desprender da Terra pela força, projetada no poderio militar. Do ponto de vista das relações de poder, por hora, a linguagem dos manifestantes não recebeu valorização das classes privilegiadas, sejam conservadoras, sejam progressistas.

Em uma perspectiva antropofágica e decolonial, este artigo pode contribuir para que a teoria de Gaiarsa (2021) deixe o entre-lugar do discurso latinoamericano, “entre a assimilação e a expressão” (Santiago, 2000, p. 26), passando a dialogar e contribuir para desenvolver a Sociossemiótica multimodal, que fundamenta estudos de linguagem no Brasil e no mundo. Como síntese da aproximação dos estudos de Gaiarsa (2021) e Kress (2010), este artigo propõe por um lado uma abordagem menos dualista e mais corporificada para a multimodalidade; de outro lado, propõe que a teoria de Gaiarsa (2021) possa ser compreendida cada vez mais como uma teoria de linguagem e comunicação. Para sistematizar a discussão, o artigo está organizado em três seções. Na seção 2, apresentamos e discutimos a teoria proprioceptiva e psicanalítica de Gaiarsa (2021), sobretudo os conceitos que sustentam nossa tese, tais como medo da queda, atitude e hábito. Na sequência, consideramos questões de relações de poder assimétricas e desiguais. Na seção 3, apresentamos o conceito de design e proveniência de Kress e van Leeuwen (2001) e a teoria Sociossemiótica multimodal de Kress (2010), sobretudo a prática comunicacional de ressignificação. Na seção 4, propomos um método de análise dessas práticas e apresentamos o resultado da análise do caso da linguagem dos manifestantes antidemocráticos no pós-eleições de 2022 no Brasil. Por fim, apresentamos um fluxograma que sistematiza a fundamentação teórica do artigo e visualiza o processo de transformação de uma prática comunicacional de ressignificação em linguagem.

2 A teoria proprioceptiva e psicanalítica de Gaiarsa

Gaiarsa (2021 [1976]) defende que todo processo mental encontra paralelo com os processos mecânicos do corpo, além de estes influenciarem aquele na formação do inconsciente (p.101). Isso porque, de acordo com sua tese proprioceptiva e psicanalítica, o maior esforço dos músculos do corpo humano é para mantê-lo de pé². Somado a isso, ao começar a andar, a criança tem medo de cair. Portanto, o equilíbrio é fundamental para o ser humano (Gaiarsa, 2021, p.68). Entretanto, uma vez passada a fase de aprender a andar, a importância do sistema de equilíbrio do corpo, o esforço muscular para mantê-lo de pé, ainda que parado, e o medo de cair se tornam parte do inconsciente, e como tal, permanecem influenciando a personalidade.

Em seus estudos clínicos, Gaiarsa (2021) observou uma situação em que é possível o inconsciente acessar o lugar do “eu”, ou seja, momento em que a consciência da pessoa se dissipa. Trata-se do momento de queda.

Quem escorrega, mas não cai pode perceber bem essas coisas. No momento preciso em que perdemos o equilíbrio, o ‘eu’ se dissipa totalmente, para retornar depois, diferente de antes e em ritmo mais lento, como que desconfiado. [...] Um desequilíbrio crítico do corpo suprime totalmente o ‘eu’. O reequilibrar-se é sentido como habilidade voluntariamente exercida – o que é demonstravelmente falso. Note-se com que facilidade o ‘eu’ se identifica ao nosso aparelho – de certo modo impessoal – de equilíbrio. (p. 75)

Ao perceber que a pessoa, no momento da queda, perde o seu “eu”, a sua consciência, Gaiarsa (2021) foi capaz de propor o ponto máximo de sua tese, qual seja: o medo de cair molda o inconsciente das pessoas, porque estamos “condenados a buscar incessantemente nosso equilíbrio” (p. 155), o que gera esforço, apesar de as pessoas, no plano da consciência, acreditarem que seja apenas um esforço físico sem consequências para sua psicologia.

² Gaiarsa (2021, p. 69) se baseia nos estudos biomecânicos dos músculos humanos, de acordo com os quais “quatro quintos do sistema muscular se destinam a apoiar, suportar, aguentar, resistir, fixar. Sobra pouco para o movimento propriamente dito”. Movimento que ocorre mais pelas forças de alavancas dos ossos.

A neurociência proposta por Damásio (2012) pode corroborar a tese de Gaiarsa (2021). De acordo com Damásio (2012, p. 198), a propriocepção possui representações mentais do mesmo tipo que as representações mentais dos pensamentos conscientes, no entanto, elas não são acessadas on-line, a não ser que sejam motivadas. Exemplo disso seria a sensação do “membro fantasma” que pessoas amputadas desenvolvem. Ainda que não possuam mais o membro, essas pessoas o sentem, possivelmente porque suas representações mentais continuam ativas (Damásio, 2012, p. 198). O fato é que as pessoas não têm “consciência constante de todas as partes do corpo porque as representações exteriores, por meio dos olhos, dos ouvidos e do tato, assim como as imagens geradas internamente, nos distraem da representação constante e ininterrupta do corpo” (Damásio, 2012, p. 198-199). Sob esse entendimento, é possível que uma dessas representações mentais off-line, isto é, não acessadas conscientemente pelas pessoas, seja a representação do receio da queda.

A premissa acerca das representações mentais off-line de Damásio (2012) sustenta a sua hipótese do “marcador somático” (p. 222). Segundo essa hipótese, diante de situações de risco, de necessidade de raciocinar e de escolher ações, o corpo reage sentindo sensações desagradáveis diante de opções cujas representações mentais, produzidas histórica e socialmente pela pessoa, são negativas. Esse marcador somático, faz “convergir a atenção para o resultado negativo a que a ação pode conduzir e atua como um sinal de alarme automático que diz: atenção ao perigo. O sinal pode fazer com que a pessoa rejeite imediatamente o rumo negativo, levando-a a escolher outras alternativas” (Damásio, 2012, p. 223). O medo da queda pode ser outra premissa a sustentar a hipótese do marcador temático. Na mesma proporção, essa hipótese pode sustentar o medo da queda como um dos principais, senão o principal receio das pessoas. Em outras palavras, o marcador somático do medo de cair talvez seja um dos primeiros a ser formado pela pessoa, influenciando sua vida até o fim.

De acordo com Prado (2020, p. 102), a teoria de Gaiarsa (2021) é “uma teoria da personalidade baseada na relação do indivíduo com as forças físicas – no caso, a força da gravidade”. Os estudos de Gaiarsa (2021) foram baseados nas proposições do psiquiatra e psicanalista alemão Wilhelm Reich sobre a inibição muscular dos impulsos e desejos humanos. Para Prado (2020, p. 100), no entanto, Gaiarsa (2021) deu um salto ao perceber que a inibição muscular afeta também a “constituição

da estrutura psicológica da pessoa [...] a formação e transformação de atitudes fisiopsíquicas e da própria identidade do indivíduo”.

Além das observações clínicas, para fundamentar sua tese, Gaiarsa (2021, p.74) recorreu à origem de palavras, de expressões e de metáforas. Ele apontou que receios centrais da humanidade como cair em desonra, queda moral, humilhação, degradação, bem como expressões verbais cotidianas que refletem esses receios, tais como *ficar sem chão*, *estar por baixo*, *desequilibrado emocionalmente*, *estar na corda bamba* entre outras, não são apenas metáforas de queda e desequilíbrio. Para Gaiarsa (2021), essas expressões verbais e metáforas representam o medo real de cair que as pessoas têm no seu inconsciente. É um medo que não é sentido conscientemente como tal, mas que age sobre a consciência com “um poder regulador absolutamente coercitivo, capaz de organizá-la, de alterá-la em qualquer sentido e, no limite, de suprimi-la” (p.74). Esse temor inconsciente da queda advém das situações cotidianas a que as pessoas são submetidas, sobretudo as inesperadas ou com as quais não há um hábito formado para agir. Segundo Borges (2005, p. 117), essas situações afetam “a organização muscular e os parâmetros da postura, provocando o risco da queda”, ainda que esse risco não seja de cair fisicamente.

Enfim, de acordo com a teoria proprioceptiva e psicanalítica proposta por Gaiarsa (2021), o principal objetivo dos músculos é manter o corpo humano de pé, por isso, mesmo ao se deparar com situações percebidas apenas pelo inconsciente da pessoa como risco de queda, os músculos “agem” como se o corpo fosse cair de fato. Com isso, a preparação do corpo para a queda gera atitudes, ações e comportamentos distintos em cada pessoa, a depender de fatores do ambiente, dos hábitos construídos e das relações que ela possui com os outros seres e com os objetos.

Por exemplo, a pessoa provocada a uma discussão se depara com uma situação que exige mudança de postura (postura é o modo como se posta o corpo na situação), que envolve também uma mudança, mesmo que inconsciente, em busca de reequilíbrio para não cair. No entanto, ela se reprime, por polidez ou porque não foi necessário iniciar a discussão, cessada após esclarecimento de um mal-entendido. Para Gaiarsa (2021), ainda que não haja o ato de discutir, o corpo da pessoa inconscientemente compôs a atitude para discutir, isto é, ainda que seja possível reprimir o ato, não é possível reprimir a atitude do corpo, posto que é inconsciente, logo, “a atitude precede o ato” (p. 141) e a atitude forma o “modo de

ser” da pessoa (p. 136). Borges (2005) fornece um bom exemplo ao dizer que uma pessoa para segurar um soco aperta as mãos: “portanto, a repressão impede a ação, mas não impede a formação de atitudes, que serão sempre ambíguas” (p. 91), ou seja, são passíveis de interpretação.

A partir desse entendimento, objetivamos demonstrar que as atitudes do corpo, que vierem ou não se tornar ato, e as tensões musculares envolvidas nessas atitudes, são fundamentos para produção de sentido e para a produção de linguagens.

2.1 A linguagem corporificada

Borges (2005) é a pesquisadora que observou o potencial de linguagem e comunicação nos estudos de Gaiarsa (2021) sobre os músculos; porque Gaiarsa chamou atenção para a relação de forças empreendida pelos músculos como tendo o mesmo princípio das relações estabelecidas na produção de sentido. Inicialmente é preciso entender que, para manter o corpo humano de pé sem cair, as resultantes de forças provocadas pela tensão dos músculos são virtuais no sentido de se anularem, posto que advêm de sentidos opostos, porém são atuantes (Gaiarsa, 2021, p. 53). O movimento de pinça com os dedos das mãos segurando um lápis é um bom exemplo. Cada dedo exerce força para um lado diferente, mantendo o lápis estável entre eles. O objeto e os dedos permanecem imóveis, porém existe força atuante empreendida pelos músculos.

Para Gaiarsa (2021, p. 52-53), o vetor, como indicativo de direção da força empreendida, é a melhor representação gráfica para produção de sentido, porque “toda explicação mostra-se constituída por um conjunto de sinais verbais, tendentes a nos levar a perceber como transita a força de um objeto para outro, como ela se divide, reúne, organiza ou se anula ao fazer os objetos mudarem de posição, de distância relativa, de forma” (Gaiarsa, 2021, p. 53). Em termos linguísticos, ele se refere à transitividade dos verbos. Em uma sentença, por exemplo, “O homem abriu a janela”, o verbo representa a relação de trocas de forças entre o homem e a janela.

Com base nesse entendimento, o ser humano desenvolveu a capacidade de produzir sentido, graças à tensão natural de forças dos seus músculos, porque assim como os músculos agem por meio de forças contrárias (tensão), representadas metaforicamente pela imagem

de vetores, as pessoas dão sentido ao mundo ao buscarem as relações de forças entre tudo que está presente no ambiente. A partir da representação da produção de sentido vetorizada de Gaiarsa (2021), Borges (2005), elaborou uma metáfora para a produção de sentido como rede, com diferentes vetores de forças, como uma

teia tecida por esses vetores de força, uma teia móvel, onde o sentido é continuamente mantido e transformado, e cada um de nós sintetiza de algum modo estas forças, mobilizando-as. Esta compreensão do sentido envolvido nos vetores não diz respeito a uma subjetividade isolada do contato, não diz respeito apenas ao sujeito. Tampouco diz respeito a uma origem transcendental e exterior que justifica os acontecimentos do mundo. Aparece aqui uma relação intrínseca entre a consciência e a comunicação, porque as forças envolvidas nestes vetores podem ser compreendidas também como informação (p. 22).

Essa metáfora da teia de produção de sentido de Borges (2005, p. 22) remete à etimologia da palavra texto, que é tecido. Assim como os músculos são construções por tramas, o sentido é construído por relações em redes. Com essa compreensão da produção de sentido como síntese de relação de forças, movida por uma consciência corporificada em busca de comunicação, em oposição ao entendimento de produção de sentido como algo produzido por uma mente inata e isolada do corpo, Borges (2005, p.22) joga luz sobre a contribuição de Gaiarsa (2021) para os estudos da linguagem, ao considerá-la como parte do corpo: “existe outra expressão que não seja corporal?” Indaga Gaiarsa (2021, p. 47). A linguagem são corpos tecendo mundos.

A teoria de Gaiarsa (2021) para a produção de sentido como busca e interpretação das resultantes de forças entre os elementos em um ambiente ganha respaldo nos estudos computacionais e de redes que sustentam as pesquisas sobre inteligência artificial como Fauconnier e Turner (2002, p. 41-41). Esse estudo parte do princípio segundo o qual o sentido é construído por redes de conexões de espaços mentais. Essas redes são alimentadas por espaços mentais de entrada (*inputs*), oriundos de estímulos do ambiente. Eles são relacionados com o conhecimento construído em redes anteriores, de um espaço mental genérico (*generic space*), que contém elementos em comum com as entradas. O resultado dessa relação emerge no espaço da mescla (*blended space*). O sentido

seria a estrutura emergente dessa mescla de elementos de várias entradas, sobressaindo a entrada fruto de maior estímulo, seja de frequência, seja de peso, além de guardar relações com os elementos em comum do espaço genérico.

Ao relacionarmos essa perspectiva de aprendizado e produção de sentido por espaços mentais em rede com a metáfora de vetores de Gaiarsa (2021), depreendemos que os vetores de força são os estímulos de entradas das redes, cujo nível de peso e frequência de ocorrência determina a sobreposição de um vetor sobre o outro ou mesmo a mescla de vários deles. O sentido é a resultante de relações de forças. Entretanto, faltaria apontar qual seria o espaço genérico na metáfora de vetores de Gaiarsa (2021), isto é, como ela considera o conhecimento que a pessoa já possui e o utiliza para lidar com as relações de forças. Caso contrário, a pessoa se tornaria um objeto passivo nessas relações. Nesse sentido, acreditamos que o conceito de hábito é fundamental.

As atitudes do corpo e as tensões musculares envolvidas nessas atitudes moldam o jeito de ser da pessoa, porque criam hábitos. Os hábitos são o modo como as atitudes e as tensões musculares são externadas e percebidas conscientemente. Na medida em que os hábitos são passíveis de produção de sentido eles se tornam linguagens, passando a se retroalimentarem. Em outros termos, os hábitos criam linguagens ao mesmo tempo em que são influenciados por elas.

2.2 A força do hábito

Borges (2021) observou que a teoria de Gaiarsa (2021) para a produção de sentido considerou a influência da “memória da história pessoal e social do corpo [que] o predispõe a reproduzir na percepção e na ação um lugar que já não está mais inteiramente aqui. Reproduzir o mesmo” (Borges, 2021, p. 14). Dessa forma, a depender da oferta desigual e da má distribuição de recursos, econômicos, culturais, educacionais e sociais, a pessoa pode ser condicionada mais pelos conhecimentos construídos *a priori* e tão menos por estímulos novos, o que prejudica a ação e a transformação do ambiente pela pessoa, além de limitar sua própria transformação. Na medida em que, na perspectiva psicanalítica de Gaiarsa (2021), o ego é definido como o instinto de se movimentar em busca de mudança, mesmo que haja risco de queda, ou seja, o ego é “aquilo que muda o mundo conforme eu pretendo” (p. 49), o ser humano

depende sobremaneira de novas entradas, de novos vetores de força do aqui e do agora para se tornar uma pessoa plena, pois o ego é mutável, na medida em que ele é “a minha relação – estruturada e relativamente consciente – com o aqui e agora, variando continuamente em função de ambos. Sendo a relação entre três variáveis (minha personalidade, o aqui e o agora), ele não pode ter a forma fixa” (Gaiarsa, 2021, p. 99).

No momento em que a pessoa passa a fixar e reproduzir lugares passados, atitudes e ações cristalizadas de sua personalidade, enfim, reproduzir o mesmo, ela cria hábitos. No entendimento de Borges (2020, p. 158), a noção de hábito articula o corpóreo ao social, porque o hábito é o modo de ser da pessoa, sua postura sedimentada por suas atitudes. Com esse entendimento, Borges (2020, p. 160) comprehende as noções corpóreas de atitude de Gaiarsa (2021) e de disposição de Bourdieu (2011) como sinônimas, pois ambas tratam de tendências de movimento do corpo que são reproduzidas até se tornarem hábitos.

De acordo com Monteiro (2018, p. 44), as pessoas agem de acordo com disposições internalizadas pelos campos em que elas atuam, campos esses como o da educação, artes, intelectual, político etc. Essas disposições são corporificadas durante a trajetória da pessoa no seu campo de atuação (historicamente) e da posição social que ela ocupa nele (no presente). Borges (2021) acredita que o conceito de Gaiarsa (2021) para atitude, entendida como preparação inconsciente da pessoa para o ato, empresta uma psicologia para o conceito de disposições do corpo de Bourdieu (2011), porque “ambos trabalham com as inscrições no corpo na forma de *habitus*, que são sistemas de disposições corporais produzidos a partir de uma posição num determinado campo social (Bourdieu) que também é um campo de forças físicas (Gaiarsa)” (Borges, 2021, p. 11, destaque da autora).

Para Borges (2020, p. 159), “o desequilíbrio e o medo da queda podem se expressar numa reação conservadora por meio da intensificação da atitude habitual do corpo”. Isto é, a reprodução de hábitos favorece a vida social do corpo em relação ao ambiente, aos objetos e aos outros seres, pois favorece o equilíbrio necessário para a pessoa não ter medo de cair durante as situações cotidianas. No entanto, a reprodução do hábito dificulta a criatividade e a adaptação (Borges, 2020, p.160), uma vez que limita a entrada do novo, a influência do meio e a participação do outro na formação da pessoa.

A preocupação de Borges (2020) com as consequências do conservadorismo relativo aos hábitos é ratificada por Souza (2018, p. 30),

ao demonstrar que a reprodução de hábitos promove relações de poder assimétricas entre as pessoas, na medida em que favorece o controle social hierárquico por grupos ou pessoas privilegiadas que detêm recursos educacionais, materiais, culturais e econômicos para determinar que seus hábitos são mais valorizados em detrimento dos hábitos de grupos estigmatizados.

Kusters et al (2017, p. 09) apontam diferenças no uso dos recursos do repertório semiótico das comunidades, em razão das relações de poder assimétricas entre as pessoas, que provocam a disponibilidade e distribuição desiguais desses recursos. Consequentemente, alguns recursos de linguagens são mais valorizados do que outros. Esse compartilhamento escasso, assimétrico e desigual de recursos pode levar a usos de configurações mais ou menos sedimentados de modos de representações para comunicar, uma vez que, dada a escassez de variações de recursos, as pessoas priorizam modos de representação que podem ser compartilhados por muitos membros. Segundo Goodwin (2012, p.02), em sociedades com recursos escassos, a preferência é pelo uso de recursos (materiais e simbólicos) que são mais adaptáveis a diferentes situações de trabalho e comunicação, por isso o uso de recursos consolidados, em vez de novos recursos a cada nova situação de comunicação.

Trazer uma perspectiva sociológica para o estudo de Gaiarsa (2021) é outra contribuição de Borges (2020, 2021) com a qual é possível depreender, a partir do ponto de vista de divisão de classes sociais por meio dos seus hábitos, que o modo verbal escrito e falado provavelmente é valorizado socialmente porque transmite a ideia falsa de não mudar as pessoas, pois, para muitos, não seria um modo corpóreo de comunicação. As pessoas, em seu individualismo e no seu conservadorismo provocado pelo medo da queda, têm receio de ter o seu mundo invadido pelo corpo do outro, provavelmente por receio de ter seu mundo alterado (Gaiarsa, 2021, p.211). Como Descartes separou o *logos* do corpo (Damásio, 2012, p.217), a modernidade criou a ilusão de que o verbal é destituído de corpo, portanto, as pessoas podem ser levadas a acreditar erroneamente que, com palavras, manteriam o outro afastado do seu mundo, em segurança. Do ponto de vista sociolinguístico, o verbal falado e escrito pelas classes privilegiadas é um dos recursos educacionais, materiais e culturais utilizado para estigmatizar as classes sociais que não o falam e não o escrevem (Bagno, 2003, p. 16; Bortoni-Ricardo, 2004, p. 33).

Ou seja, o verbal privilegiado pode ser utilizado para segregar o outro, o diferente, no mundo estigmatizado dele.

Outra característica que contribuiu para o uso do modo verbal como segregador é o fato de, na perspectiva corpórea de produção de significado, o verbal ser a “mais superficial das formas de consciência” (Gaiarsa, 2021, p. 213), porque o verbal é sempre representações (vetores) das forças corpóreas. Essas forças corpóreas são a expressão, o jeito do corpo, o tom da voz, o facial, que funcionam “como fundo para a palavra, que é a forma” (Gaiarsa, 2021, p. 86). Sob uma perspectiva semiótica, a palavra é o significante, e as forças corpóreas são o significado. Ainda a respeito da limitação do verbal, Gaiarsa (2021, p. 86) sentencia: “É pouco provável que se entenda o que uma pessoa quer dizer se ela escrever literalmente o que lhe ocorre e se nós nos limitarmos a ler”.

Em resumo, a partir da perspectiva corpórea das relações de forças entre os elementos do ambiente (outros seres e objetos), procuramos demonstrar como as atitudes do corpo e as tensões musculares envolvidas nessas atitudes são fundamentos para produção de sentido. Isso porque as tensões musculares e as consequentes atitudes do corpo moldam o jeito de ser da pessoa, criando hábitos, que se tornam passíveis de produção de sentido. Feito linguagem, o hábito pode ser reproduzido, embora sofra mudanças como toda linguagem. No entanto, em decorrência das relações de poder assimétricas e hierárquicas entre as classes sociais, os hábitos podem ser mais reproduzidos do que transformados, a fim de gerar segregação. Exemplo disso é a valorização do modo verbal falado e escrito pelas classes sociais privilegiadas, a ponto de ser considerado por elas o principal e em muitos casos o único modo de comunicação legítimo, ainda que o verbal tenha suas limitações, sobretudo se usado como único modo de representação, em detrimento do potencial de outras forças corpóreas para a produção de sentido.

Com essas premissas, pressupomos que a linguagem corporificada proposta por Gaiarsa (2021) e elaborada pelos estudos de Borges (2005, 2020, 2021), assim como toda linguagem, é multimodal. Na mesma medida e proporção, assumimos que a multimodalidade, ao ser princípio de toda linguagem, é tal-qualmente corporificada. Passamos à exposição da prática comunicacional de ressignificação da Sociossemiótica multimodal, para então propormos como ela pode se tornar hábitos e até mesmo uma linguagem.

3 Prática comunicacional pela Sociossemiótica multimodal

A semiótica de Kress (2010, p.10) é social porque concebe a produção do signo como a expressão de sentido de pessoas socialmente envolvidas, que utilizam recursos semióticos culturalmente disponíveis, modelados pelas práticas dos membros do grupo social a que pertencem, com suas culturas. Trata-se de habilidades sociais compartilhadas incessantemente pelas pessoas e sua comunidade em vez de uma competência de linguagem inata. Nessa perspectiva, a linguagem assume formas particulares de representação, mas é fruto das necessidades sociais específicas de uma comunidade.

Essa premissa da sociossemiótica de Kress (2010) se aproxima da concepção de linguagem corpórea como fruto do aqui e do agora, negociada nas relações sociais entre pessoas que estão postas para a comunicação e que consideram as relações de força dos elementos presentes na situação (objetos e outros seres), a fim de, inconscientemente, manterem o equilíbrio (de forças) para não cair, e, conscientemente, produzirem sentido com as resultantes dessas forças.

É por isso que Kress (2010, p. 01) considera a “multimodalidade como o estado normal da comunicação humana”³, porque as pessoas se comunicam produzindo sentido por meio de diferentes modos de representação. No entanto, a ênfase no *logos* criou sociedades crentes na tradução de todos os modos de comunicação em palavras, organizadas em gramáticas que, por sua vez, possuem o objetivo de generalizar regras, abstrair as relações de sentido e torná-las estáticas. O fundamento dessa concepção de gramática é uma mente que possui a capacidade inata de linguagem, que não depende das relações sociais, porque, na prática, seria uma mente independente do corpo. Em oposição a essa concepção inata de linguagem, Kress (2010) propõe uma abordagem sociossemiótica multimodal da representação que

coloca a ênfase no material, no físico, no sensorial, no corporal, ‘o conteúdo das coisas’, longe das abstrações, em direção ao específico e ao que varia. Na constante reformulação de entidades, relações, processos em interação e comunicação, os potenciais semióticos do

³ Tradução nossa para “‘multimodality’ as the normal state of human communication”.

material dos modos são constantemente remodelados – recolocados, estendidos e refeitos. (p. 105)⁴

No escopo da teoria Sociossemiótica multimodal, a multimodalidade é a parte que lida com os modos e seus recursos semióticos utilizados na produção do signo (Kress, 2010, p. 01-02). Cada modo (verbal, imagético, gestual, layout) utiliza os recursos semióticos mais propícios a ele como saliência, moldura, intensidade. Os recursos semióticos são criados com os recursos materiais disponíveis no ambiente como linhas, cores, sons e espaços. Já a semiótica social é a parte da teoria que pode explicar o significado, suas diferenças de interpretação, intenções, identidades; movidos pela cultura e pelo trabalho semiótico das comunidades de produtores de signos (Kress, 2010, p. 02). Isso porque os modos “são o resultado da modelagem histórica e social dos materiais escolhidos por uma sociedade para a representação” (Kress, 2010, p. 11)⁵.

A Sociossemiótica multimodal é a síntese de outros trabalhos sobre multimodalidade e semiótica social tais como Kress e van Leeuwen (1995, 2001, 2006) e Hodge e Kress (1988). Inicialmente, Kress e van Leeuwen (1995, p. 26) propõem a análise de layouts a partir de três sistemas de significados: o valor da informação, a saliência e o emolduramento. Eles são necessários para reunir vários elementos em um layout de forma coerente e significativa. Esses sistemas textuais propostos por eles foram amplamente desenvolvidos na Gramática do design visual (Kress; Van Leeuwen, 2006 [1996]), a que se somaram os sistemas de representação e interação. Gualberto e Santos (2019) demonstram em números como a Gramática do design visual foi difundida e fundamenta trabalhos sobre multimodalidade no Brasil. De fato, Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) contribuíram com uma sistemática proposta de análise do arranjo multimodal dos elementos semióticos em layouts sob uma perspectiva sistêmica e funcional.

⁴ Tradução nossa para “A multimodal social-semiotic approach to representation by contrast puts the emphasis on the material, the physical, the sensory, the bodily, ‘the stuffness of stuff’, away from abstractions, toward the specific, the variable. In the constant reshaping of entities, relations, processes in interaction and communication, the semiotic potentials of the material of modes is constantly newly shaped – pushed, extended, remade.”

⁵ Tradução nossa para “*Modes* are the result of a social and historical shaping of materials chosen by a society for representation”.

Entretanto, é Kress e van Leeuwen (2001) que começam a desenhar uma teoria que amalgama semiótica social e multimodalidade em um sistema de comunicação e produção de sentido. Eles propõem que o arranjo multimodal do discurso ocorre em quatro estratos: discurso, design, produção e distribuição. Esses estratos são articulados pelas pessoas na prática comunicacional, que consiste em

escolher os modos de realização que são adequados aos propósitos, audiências e ocasiões específicas da produção do texto. É isso que abordaremos sob o título de ‘design’. Isso requer a escolha de materiais e modos que por razões de história e proveniência culturais, ou por razões de história do indivíduo, sejam mais capazes de (co-)articular os discursos em jogo no momento particular. Ou seja, trata-se não apenas de organizar o discurso abstratamente considerado, mas também de organizar os modos de realização dos discursos. Isso envolve selecionar as formas materiais de realização do repertório existente na cultura e selecionar os modos que o produtor do texto julga serem mais eficazes (se conscientemente ou não, não é a questão nesse ponto) em relação aos propósitos do produtor do texto, expectativas sobre o público e os tipos de discursos a serem articulados. (Kress; Van Leeuwen, 2001, p.30-31)⁶.

É no design que são feitas as escolhas, conscientes ou não, dos recursos materiais, semióticos e dos modos para articulação do discurso que será construído no estrato da produção. As pessoas realizam as escolhas a partir de um repertório conhecido e consolidado pelo seu grupo social, orientadas pelo julgamento de quais são mais propícios e eficientes para seus objetivos. Portanto, levam em conta o histórico de

⁶ Tradução nossa para “consists in choosing the realisational modes which are apt to the specific purposes, audiences and occasions of text-making. This is what we will address under the heading of ‘design’. This requires the choice of materials and modes which for reasons of cultural history and provenance, or for reasons of the individual’s history, are best able to (co-)articulate the discourses in play at the particular moment. That is, it is a matter not only of organising discourse abstractly considered, but also of organising the realisational modes for the discourses. That involves selecting the material forms of realisation from the culture’s existing repertoire, and of selecting the modes which the producer of the text judges to be most effective (whether consciously so or not is not the issue at that point) in relation to the purposes of the producer of the text, expectations about audiences, and the kinds of discourses to be articulated.”

uso, de realizações e de aceitações entre sua comunidade de produtores de sentido. Kress e van Leeuwen (2001, p. 23) falam em proveniência (*provenance*) – lugar de origem – do qual o signo é “importado” para ser ressignificado em uma nova prática comunicacional, desse modo as pessoas recorrem à proveniência no momento de fazer suas escolhas de design, a fim de produzir textos para veicular seus discursos.

É para o estrato do design na prática comunicacional que propomos uma abordagem corporificada, porque o modo como são realizadas as escolhas são passíveis de produção de sentido, se observarmos os hábitos oriundos das atitudes formadas pelo corpo. Kress (2010) fez com que o design se tornasse um termo relevante nos estudos da sociossemiótica, ao desenvolver esse conceito propondo processos de ressignificação.

3.1 A prática comunicacional de ressignificação como hábito

A prática comunicacional não é estática e imutável como a proposta de prática comunicacional por estratos pode levar a entender. As pessoas agenciam mudanças, alterações, e novas escolhas a cada produção. Nessa linha de pensamento, Kress (2010) consolida uma proposta de prática comunicacional pautada no trabalho semiótico e mais dinâmica em relação às escolhas do design realizadas pelos produtores de sentido, porque prevê que uma prática comunicacional nem sempre começa do zero como uma proposta por estratos faz crer.

Desse modo, Kress (2010, p. 124) propõe que a prática comunicacional de recorrer a recursos do repertório semiótico das comunidades fosse entendido como um trabalho de ressignificação, de mudança de significado por meio de tradução entre gêneros de texto, entre modos semióticos ou entre culturas. Um romance traduzido para outra língua é o exemplo mais recorrente de tradução, em que não há mudança de modo, nem dos elementos que compõem o romance. No entanto, Kress (2010, p. 124) propôs outros dois subtipos de tradução que envolvem mudanças: a transdução e a transformação. Quando há mudança de um modo para outro modo, por exemplo, um livro é adaptado para um filme, acontece a transdução. Por sua vez, quando não há mudança de modo, mas de recursos semióticos, acontece a transformação. Um exemplo é um meme criado a partir de outro, em que se mantém o modo de representar, mas alteram-se alguns recursos, a depender dos interesses e das motivações do seu produtor, que seleciona e orquestra os modos

semióticos disponíveis, avaliando sua aptidão, fazendo o melhor ajuste dos significantes, para ser o portador do sentido que se deseja produzir (Kress, 2010, p. 54-55). Portanto, a prática comunicacional passa a ser entendida como um processo de ressignificação.

Acreditamos que é com esse ato de ressignificar, proposto pela teoria sociossemiótica de Kress (2010), que a teoria de linguagem corporificada de Gaiarsa (2021) pode contribuir. Nossa hipótese é que o trabalho semiótico de ressignificar é uma prática comunicacional que por si só pode se tornar um hábito e como tal pode se tornar uma linguagem, além de estar sujeita às hierarquias de poder. Com isso, buscamos compreender a prática comunicacional de ressignificação proposta pela Sociossemiótica multimodal como corporificada, em vez de um processo da mente separada do corpo. A justificativa seria, na medida em que uma prática comunicacional se torna hábito, a proveniência dos recursos de linguagem, a que as pessoas recorrem para “importar” signos e recursos semióticos, a fim de produzir textos e sentido, pode ser também o próprio corpo na formação de atitudes. Isso é realizado pelas pessoas de forma consciente ou não.

Há razões para crer que as próprias práticas comunicacionais das pessoas nos ambientes sociais onde elas atuam tornam-se linguagens tanto quanto as representações que elas criam para se comunicar nesses ambientes. Além disso, em ambientes sociais consolidados e conservadores, em que os recursos de representação são escassos ou controlados, as práticas comunicacionais de ressignificação parecem criar hábitos valorizados apenas naquele ambiente. As escolas brasileiras são um exemplo. Os hábitos de participar das aulas expositivas, sentado, ouvindo, anotando, realizando atividades, testes, além de todo o típico comportamento escolar tornaram-se uma linguagem tanto quanto as linguagens historicamente utilizadas nesses hábitos como o verbal escrito e falado.

Essa linguagem escolar é valorizada apenas nas escolas, porque a passividade que esses hábitos escolares representam não comunga do mesmo valor no mundo do trabalho e da participação cidadã. Andrade e Freitag (2021, p. 186-187), por exemplo, analisam as habilidades testadas pelo ENEM e ENAD⁷ e concluem que elas valorizam dimensões do conhecimento conceituais, que priorizam assimilação de conceitos

⁷ ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. ENAD – Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (de cursos superiores).

teóricos, em vez de procedurais e metacognitivos, que, por sua vez, trabalham atitudes, práticas reflexivas e críticas. O estudo de Filipe, Silva e Costa (2021, p. 791), ao analisar as dez competências da BNCC⁸, corrobora a escolha da educação brasileira pelos domínios cognitivos, direcionados ao desenvolvimento de habilidade conceituais, em detrimento dos domínios afetivos e psicomotores.

Entretanto, outra grande parte dos hábitos escolares não é percebida conscientemente pelas pessoas, por isso não é avaliada pela escola ou é avaliada como negativa ou estranha ao dia a dia escolar, ao passo que seus hábitos poderiam ser interpretados também como conhecimento produzido.

Por outro lado, em ambientes mais progressistas, em que os recursos de representação tendem a ser mais disponíveis e menos controlados, as práticas comunicacionais de ressignificação podem criar hábitos que extrapolam o próprio ambiente. É assim na internet, de onde surgiram a cibercultura e a comunicação de todos para todos, que visam à “colaboração em rede, princípio que rege a cibercultura em seu conjunto de práticas sociais e comunicacionais” (Lemos; Lévy, 2010, p. 45). A internet também consolidou a cultura do remix e a viralização de informação, que são uma “atividade global que consiste na troca de informações criativa e eficiente, possibilitada por tecnologias digitais” (Navas, 2008, p. 2).

Esse *ethos* de curadoria, trocas e colaboração da internet fez com que o modo como se produz e as escolhas de design nesse ambiente, enfim sua prática comunicacional, tornasse ela mesma uma linguagem, não apenas nos tutoriais, reviews e plataformas de produção colaborativa, mas também nos hábitos como faça você mesmo, filmar e fotografar com o celular, selfiar, curtir, compartilhar, posicionar-se social e politicamente com gestos-dancinhas-memes, recortar-colar-editar e transmissões ao vivo. As escolhas por esses recursos, seja de forma consciente ou não, em uma situação particular – on-line ou off-line, a distância ou presencial – revelam o mesmo *ethos* de colaboração em rede que a internet iniciou.

Esses hábitos tornaram-se uma linguagem que influenciou a televisão, a mídia impressa, as artes, a cultura popular, a cultura pop e até mesmo a educação, gozando relativamente do mesmo valor do seu ambiente de origem. Essa convergência de hábitos de diferentes mídias

⁸ BNCC – Base Nacional Curricular Comum.

tornou-se uma cultura (Jenkins, 2009). Como consequência, a linguagem da internet é valorizada até mesmo por setores conservadores da sociedade, haja vista seu uso pelo conservadorismo político e religioso do Brasil.

Essas práticas comunicacionais necessitam de análises que as considerem linguagens.

4 É possível um método de análise?

A análise da linguagem dos manifestantes antidemocráticas pós-eleições 2022 se justifica neste artigo porque se trata de uma linguagem emergente, o que contribui para desenvolver nossa tese, de acordo com a qual a prática comunicacional de ressignificação pode se tornar ela mesma uma linguagem, pois temos a seguinte hipótese. Como a distribuição de recursos de linguagem é desigual e a valorização desses recursos é assimétrica e hierárquica, as pessoas, suas comunidades e até mesmo a classe social a que elas pertencem, nas suas práticas comunicacionais, optam por utilizar recursos consolidados, mais disponíveis e compartilhados por muitos. Com isso, as atitudes formadas pelos músculos a cada repetição de uso dos mesmos recursos fazem da prática comunicacional um hábito, um jeito de ser da pessoa que é passível de produção de sentido, portanto uma linguagem.

Pelo fato de a linguagem dos manifestantes antidemocráticos ser substancialmente corporificada, afinal eles utilizam sobretudo o próprio corpo, pode parecer que nossa análise faça mais sentido. Entretanto, é possível propor a análise de outros campos em que as práticas comunicacionais de ressignificação se tornaram linguagens, por exemplo, os já citados escolares e da internet. Para ser possível, é preciso compreender que nosso foco é nos signos que geralmente não são observados pela lupa do analista cujos métodos são oriundos da análise do modo verbal.

Esses métodos para o modo verbal focam em sintaxe, em relações de causa e efeito, em categorias que não dão conta de analisar a produção de sentido de textos que são representados por modos além do verbal. Nem mesmo o modo verbal, sob um ponto de vista corpóreo, poderia ser analisado pelos tradicionais métodos desse modo. Como defende Kress (2010, p. 07-08), os recursos de linguagem são refeitos constantemente, por isso usar termos antigos de gramáticas, mesmo com novos

significados, não condiz com a instabilidade social de hoje: as pessoas precisam saber lidar com as demandas semióticas contemporâneas.

É possível dizer que, em relação à sua criação, os signos do corpo, da relação deste com os objetos e com outros corpos são signos primários, pois são o que são, dependem do jeito de ser das pessoas e não dependem de representações por modos semióticos consolidados como o verbal e o imagético. Não quer dizer que há uma divisão entre signos corpóreos e representados. Pelo contrário, todos os signos precisam ser compreendidos como corporificados e integrados em um arranjo multimodal. Os arranjos de recursos e modos semióticos em um texto é fruto de hábitos de quem os produziu (por isso corporificados) ou, de acordo com nossa hipótese, a própria prática comunicacional, ao se tornar hábito, pode também comunicar. Portanto, acreditamos poder contribuir para uma abordagem de análise em que a multimodalidade é corporificada, desde que se observe e analise os movimentos do corpo e suas relações de força.

4.1 Proposta de método

Com base na fundamentação teórica desenvolvida, propomos um método de análise em forma de guia de ações e questões para o analista. Esse método não é um algoritmo fechado e resoluto, porque outros procedimentos e questões podem ser introduzidos, a depender do objeto de análise, tampouco todas as questões e ações precisam ser levadas a cabo, pois, em se tratando de linguagens, nem todos os fatos e fenômenos são diretamente observáveis. É preciso ter sempre em mente que é uma análise dos movimentos das pessoas e das relações de força estabelecidas por elas com outros seres e objetos.

Desse modo, propomos que a análise seja iniciada apresentando a situação em que ocorre a prática comunicacional, selecionando imagens ou outras representações possíveis e úteis para ilustrar e justificar as análises. Feita a apresentação, inicia-se a observação das relações de poder que definiram quais recursos de linguagem estiveram disponíveis para a prática comunicacional. Foram utilizados modos semióticos de representação com maior ou menor valor? Qual classe social foi utilizada como parâmetro para mensurar esse valor?

Depois disso, procurar analisar qual tipo de ressignificação foi conduzida na prática comunicacional: tradução, transdução ou

transformação? Em casos extremos, é possível afirmar que se tratou de uma prática completamente original ou mesmo uma reprodução fiel de outra prática?

Na sequência, observar as relações das pessoas com outros seres, com objetos e com o ambiente. Com isso observar as ações decorrentes da formação de atitudes pelo corpo: gestos, expressões faciais, ações, postura do corpo, olhar, relações de distância entre os elementos do ambiente e as mudanças produzidas neles.

Continuando a análise, observar quais dessas ações tornaram-se hábitos pela frequência de ocorrência e valor dado a elas pelas pessoas. Uma vez tornadas hábitos, houve alteração nas relações das pessoas com outros seres, objetos e o ambiente? Como novas pessoas introduzidas na situação e no ambiente incorporaram os hábitos: reproduzindo-os ou transformando-os? Em caso de transformação, houve conflitos com as pessoas? Nesta etapa da análise, buscar verificar a avaliação que pessoas externas, que não participaram da situação (grupos, comunidades e classes sociais) fizeram dela: positiva, negativa, pejorativa, indiferente, estigmatizada? Esses hábitos foram incorporados por outros grupos sociais diferentes do seu grupo de origem ou permaneceram segregados neste último? Em que medida isso ocorreu, na íntegra ou não? Esses hábitos tendem para o conservadorismo ou para o progressismo?

Finalmente do ponto de vista discursivo, definir qual campo social ou ambiente de linguagem foram ressignificados pelos hábitos? Aliado ao conhecimento do analista sobre esses campos ou ambientes, procurar utilizar as respostas e dados produzidos pelas análises anteriores para descrever a linguagem oriunda dos hábitos incorporados pelas pessoas envolvidas na prática comunicacional. O que elas anseiam, qual sua concepção de mundo e moral; qual sua filiação política e ideológica? Em que grau ou medida as atitudes típicas da configuração de cidadão resultante da pergunta anterior estão incorporadas nas pessoas envolvidas na prática comunicacional analisada? E como a linguagem de prática comunicacional dessas pessoas é situada social e historicamente?

Na próxima seção, alisamos a linguagem dos manifestantes antidemocráticos com esse arcabouço teórico proposto. As imagens que ilustram as análises foram retiradas de mídias jornalísticas on-line e de redes sociais publicadas na internet no decorrer do mês de novembro de 2022.

4.2 A linguagem dos manifestantes antidemocráticos pós-eleições brasileiras de 2022

O mais profundo anseio da humanidade é subir, é o idealismo em todas as suas formas: negar a dependência humana em relação à terra (e à carne).

Gaiarsa

As ações dos manifestantes nos protestos antidemocráticos pós-eleições brasileiras, no mês de novembro de 2022, são um exemplo recente de prática comunicacional de ressignificação que se tornou hábito e, consequentemente, uma linguagem. Suas ações chamaram a atenção pelo *nonsense* e pela perda de equilíbrio literalmente (do ponto de vista corpóreo).

Como visto, a linguagem verbal escrita e falada é valorizada na hierarquia social de poder. Entretanto, os protestos antidemocráticos se destacaram pela falta de articulação de uma pauta escrita e falada clara de reivindicações. Outra característica que diminuiu o poder dos protestos foi o fato de não ter, explicitamente, uma liderança política definida e atuante. Essas duas características juntas contribuíram para o reduzido repertório de recursos de linguagem disponível aos manifestantes nos protestos antidemocráticos. Portanto, restou a eles utilizarem o próprio corpo para ressignificar recursos de linguagem dos campos militares e religiosos, dos quais possuíam hábitos produzidos pelas recorrentes situações, para as quais seus músculos formaram atitudes no decorrer de suas vidas, visto que esses dois campos têm muita influência nas manifestações antidemocráticas.

A prática comunicacional dos manifestantes antidemocráticos foi ressignificar recursos de linguagem militares, como a marcha, a posição de sentido, braços estendidos ao longo do corpo, o braço suspenso em saudação (nazista?); e recursos religiosos, como a oração, a prece ajoelhada, a prece aos céus, a lamentação e a expiação. E o fizeram sem destaque para a relação com objetos e o ambiente. No decorrer dos protestos, há motivos para afirmar que essa prática comunicacional se tornou um hábito, à medida que os manifestantes passaram a incorporar atitudes motivadas pelas relações entre eles, e deles com os objetos no ambiente em que ocorreram as manifestações antidemocráticas. Consequência disso foi o surgimento de novas ações, que seguiam o

mesmo hábito de manifestar com o corpo, porém sem a ressignificação direta dos campos militares e religiosos. Assim dizendo, surgiram outros manifestantes que incorporaram as atitudes dos primeiros manifestantes, aqueles que ressignificavam recursos de linguagens dos campos militares e religiosos. Entretanto, essas mesmas atitudes (haja visto, atitude como formação muscular para a ação) geraram ações mais primitivas como tentar parar um caminhão com o próprio corpo preso a ele, Figura 1, chutar um veículo, Figura 2, cantar o hino nacional para um pneu, Figura 3 e posicionar o celular na cabeça, projetando-o para o céu, Figura 4.

Figura 1 – Homem e caminhão



Fonte: encurtador.com.br/klpxF

Figura 2 – Chutar carro petista



Fonte: encurtador.com.br/dekGV

Figura 3 – Hino ao pneu

Fonte: encurtador.com.br/ixUX

Figura 4 – Celular aos céus

Fonte: encurtador.com.br/twAF0

A relação com os objetos do ambiente passou a ter destaque nessas ações, carros, caminhões, pneus, celular, os muros dos quartéis, além da bandeira brasileira e da camisa da CBF, porque foram sobrevalorizados ou posicionados em igualdade com as pessoas nas relações de forças estabelecidas pelos manifestantes com o ambiente, chegando ao ponto de serem personificados.

Assumimos que, nessas ações dos manifestantes antidemocráticos, as etapas da prática comunicacional de escolher recursos materiais, semióticos e do modo de realização do discurso, ou seja, a etapa do design, ocorre de forma integrada com a etapa da produção, confundindo-se com ela. As escolhas a seguir tornaram-se a própria linguagem dos manifestantes: o corpo refém do caminhão, o corpo ajoelhado, o corpo como arma, o corpo amparado pelos muros, o corpo estático. Essas escolhas

se tornaram a própria linguagem, devido às atitudes dos manifestantes formadas nas relações com objetos e elementos do ambiente como o pneu, o celular, os veículos, a vestimenta, o muro, a rua. Foram constantes atitudes formadas como reações dos músculos diante das ressignificações dos campos militares e religiosos praticadas pelos primeiros manifestantes, que paulatinamente foram incorporadas por novos manifestantes, os quais passaram a agir a partir dessas novas atitudes.

Essas atitudes formadas pelos corpos dos manifestantes tantas vezes durante as manifestações se tornaram hábitos, por sua vez, tornaram-se a linguagem deles. Do ponto de vista das relações de poder, é uma linguagem que não possui valorização nem mesmo dos líderes militares, políticos e religiosos desses manifestantes, que se mantiveram distantes e não os apoiaram. Do mesmo modo, o seu conservadorismo; o repertório de recursos, que não contou com o valorizado modo verbal; e a ressignificação, que não se caracterizou claramente nem como transdução nem como transformação, fizeram com que essa linguagem não alcançasse setores progressistas, pelo contrário, tornou-se fonte de humor de memes e piadas nas redes sociais. Portanto, é uma linguagem que não gozou de valor pelas classes privilegiadas, seja conservadora ou progressista, como tal recebeu estigma e foi utilizada para segregar os manifestantes, contribuindo para limitar sua influência.

Em relação ao sistema de significados da multimodalidade, o arranjo multimodal formado nessas imagens dos manifestantes antidemocráticos possui como *background* a rua. Nela os objetos são posicionados como informação central, o pneu na Figura 3 e o celular na Figura 4, ganhando mais relevância do que as pessoas, posicionadas nas margens. Quando posicionadas no centro, a pessoa está representada com menor saliência, como o homem no centro do caminhão, Figura 1, este com mais massa do que aquele. Assim como o homem que chuta a massa de aço desproporcional a ele, Figura 2. Sob essa perspectiva, os pontos amarelos formados pela vestimenta da CBF perdem em saliência para os objetos centralizados ou mais destacados nas imagens, em que pese o fato de a cor amarela ser naturalmente saliente. O posicionamento das pessoas em relação aos objetos funciona para emoldurá-los. O olhar das pessoas nessas imagens está direcionado para os objetos em vez de se olharem. Graças a esse arranjo de saliência e emolduramento, o valor da informação se desloca para os objetos em detrimento das pessoas. Do ponto de vista discursivo, essa linguagem dos manifestantes revela uma

compreensão de mundo pautada em idealismo religioso, em busca de transcendência para outro plano, haja vista as tentativas dos manifestantes de se desprenderem do efeito gravitacional, que prende as pessoas à Terra, a fim de alcançar o lugar idealizado, que não é o aqui e o agora. Por isso, prender-se ao caminhão em movimento, orar para os céus com as luzes dos celulares acessas e vestir-se com a bandeira nacional como se fosse a capa de um super-herói mítico que alça voo, Figuras 5 e 6, isto é, ações que projetam o corpo para o alto. Essa compreensão de mundo imperfeito, do qual é preciso se desprender, faz os manifestantes projetarem o ambiente, os objetos e os outros como âncoras que os impedem de ascender e se desgarrarem deste mundo. E projetam nos outros os inimigos que os impedem de realizar sua transcendência. Por isso a identificação do diferente como anticristo, comunista e materialista, ao mesmo tempo em que procuram em um messias a pessoa capaz de guiá-los na sua empreitada antigeocêntrica.

Portanto, pelo fato de inconscientemente lutarem contra o efeito gravitacional, os manifestantes estabelecem relações de forças que se manifestam em ações deles contra o ambiente, os objetos e os outros seres.

Figura 5 – Bandeira do Brasil



Fonte: encurtador.com.br/aqwY7

Figura 6 – Misticismo heroico



Fonte: encurtador.com.br/sMPW2

Para essas pessoas, é preciso fazer força nesta terra para gozar da vida sem esforço no plano idealizado. Leia-se esforço como peso, castigo, preço a ser pago nesta vida para adentrar ao paraíso. Assim se justifica a força física empreendida pela linguagem dos manifestantes: fazer do corpo uma arma que amassa carros, que impede a marcha de um caminhão, que ameaça com o dedo em riste feito arma, Figura 7. Do mesmo modo, o marchar é feito desprendendo com força as pernas do chão, que os prende ao mundo imperfeito, e batendo-as de volta com a mesma força, imprimindo nele a pisada do ressentimento, Figura 8. Essa força se torna desproporcional nas relações com o mundo e se incorpora nos manifestantes, ressurgindo em forma de truculência, agressões verbais ou físicas, ameaças e em pedidos por intervenção militar pela força e pela máquina de guerra, culminando nos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023 em Brasília. Para os manifestantes, é válido passar por cima das leis democráticas, tanto quanto imperfeitas do ponto de vista deles, porque não são as leis do mundo ideal em que acreditam, pelo contrário são âncoras simbólicas que os aterraram.

Do mesmo modo que os manifestantes desdenham deste mundo considerado imperfeito, eles também desdenham do próprio corpo, tão imperfeito quanto, pois é um corpo que não consegue desprendê-los deste mundo, mesmo fazendo força. Em razão disso, é o corpo em pecado,

impuro e apenas uma morada passageira até que se consiga a morada plena e eterna no plano idealizado.

Figura 7 – Mão feito arma



Fonte: encurtador.com.br/bGJ04

Figura 8 – Marcha do ressentimento



Fonte: encurtador.com.br/dlvH6

De acordo com o pressuposto proprioceptivo deste artigo, sem idealismos, o que faz a pessoa ser humana é estar de pé em equilíbrio, para depois se movimentar, a fim de realizar seus desejos, desse modo o chão é o que oferece o apoio necessário para o equilíbrio e a tração para o movimento. No entanto, assim como todos que vivem de idealismos, o medo da queda parece ser maior entre os manifestantes antidemocráticos, logo, são conservadores em seus movimentos para não caírem.

Por isso que, em sua linguagem utilizada nas manifestações, eles buscam apoio nos muros dos quartéis, nos veículos, muitas vezes ajoelhados no chão em vez de em pé, Figura 9, realizando contorcionismos em meio aos carros, Figura 10, ou mesmo permanecendo estáticos por dias nas ruas diante dos quartéis. Ao negarem o movimento e o estar de pé por si próprios, eles negam que sejam corpo e se afirmam como entidades, que não pertencem ao mundo físico.

Figura 9 – Negação do corpo em movimento



Fonte: encurtador.com.br/itwCG

Figura 10 – Contorcionismo



Fonte: encurtador.com.br/cejN8

Ao viverem em busca do lugar ideal, ao negarem o chão que os sustenta e ao serem conservadores com receio da queda, os manifestantes antidemocráticos revelam uma crença no não corpo ou na mente (ou no espírito) sem corpo, uma vez que, para eles, ser um corpo e estar preso a este mundo é uma condição de penitência.

Parece paradoxal, porque a linguagem deles nas manifestações recorre mais ao próprio corpo do que qualquer outro recurso. Contudo, não há contradição alguma, pois a posição que os objetos ocupam no ambiente da linguagem dos manifestantes antidemocráticos contribui para coisificar o humano. É assim com o portão e o muro dos quartéis contra os quais o manifestante se debate, Figura 11, com a dianteira do caminhão contra o qual um homem se crucifica e com o pneu ao redor do qual as pessoas o glorificam com o hino nacional.

O estar em oposição a esses objetos, por vezes estar preso fisicamente a eles, retira da consciência dos manifestantes que há uma relação de movimento entre eles próprios e o ambiente. Com isso, além de crerem em um não corpo, eles creem em um não lugar, ou seja, naquele lugar onde o corpo não pode se realizar na plenitude do movimento, logo, torna-se coisa.

No seu movimentar, os manifestantes são mais estátuas do que bailarinas.

Figura 11 – Socar o portão do quartel



Fonte: encurtador.com.br/amrHS

Portanto, no nível das atitudes e hábitos incorporados, não há contradição. Contudo, de fato, as contradições desses manifestantes existem, porém elas acontecem nas suas ressignificações mais evidentes, em que há representação com recursos materiais ao invés de usar o corpo, como

a transdução da camisa da CBF em vestimenta oficial dos manifestantes. A contradição está no fato de, por questões políticas e ideológicas, eles não torcerem para a seleção que a camisa representa na Copa do Mundo FIFA de 2022. Como se vê, os manifestantes buscam ressignificar a camisa da CBF por completo em vez de apenas alguns de seus elementos. Uma transdução de uniforme de futebol para símbolo nacionalista.

Finalmente, é preciso considerar que manifestações antidemocráticas são uma constante na história do Brasil. Essas de 2022 se consolidam por uma linguagem que não gozou de valor pela grande imprensa, pelas igrejas e pela classe política conservadora, pelo menos por hora. Essa é uma característica que merece atenção, porque esses grupos sociais apoiaram outras manifestações antidemocráticas na história do Brasil. De toda forma, é temerário afirmar que não houve apoio velado, por meio de recursos econômicos ou de peculato das instituições que deveriam coibir manifestações consideradas ilegais pela Constituição brasileira. Se houve esse apoio velado, ele serve para demonstrar como a dimensão simbólica do poder é uma das existentes e pode gozar de autonomia, a ponto de a dimensão econômica não ser capaz de fortalecê-la.

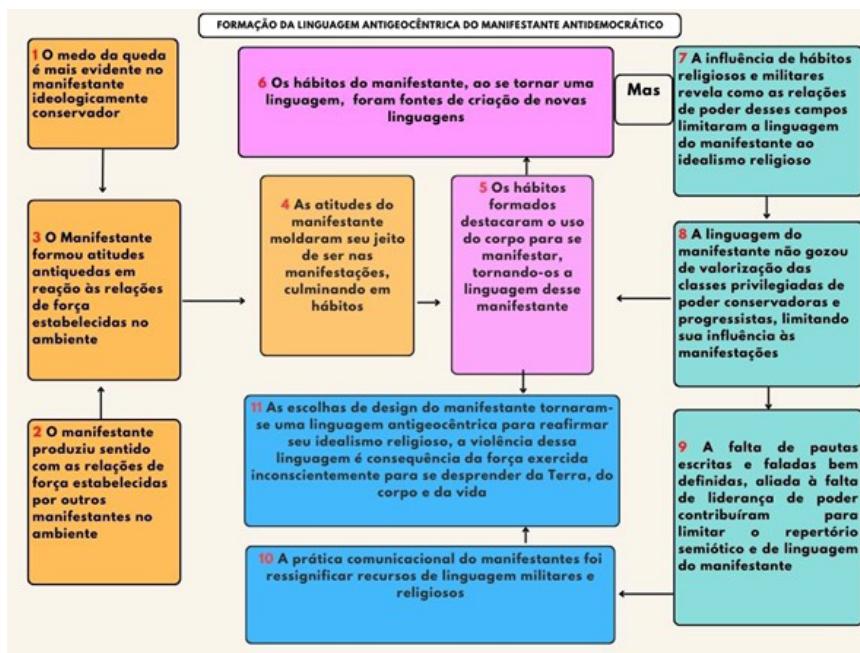
Em nossa análise, o militarismo, tão influente nas manifestações antidemocráticas na história do Brasil, é uma consequência do idealismo religioso, a partir do momento em que se torna umas das personificações da projeção de forças que os manifestantes precisam empreender para se desprenderem da Terra e seu efeito gravitacional, dos objetos e dos outros seres. Como os manifestantes consideram o corpo incapaz de proporcionar esse desprendimento, eles cultuam a máquina. Exemplo disso são as manifestações políticas como as carreatas, a recente motociata e o uso dos caminhões nas paralisações de rodovias. O pneu transformado em totem pelos manifestantes, para o qual cantaram o hino, foi o caso extremo de adoração à máquina. Consequentemente, na luta para se desprenderem do mundo que consideram imperfeito, eles projetam nas máquinas de guerra militares a força descomunal que precisam para tanto. Os atos golpistas de 8 de janeiro de 2023 seriam consequências das atitudes e formação de hábitos construídas desde novembro de 2022, foram sua culminância. Embora a violência estivesse presente em todas as figuras analisadas neste artigo, a ascensão inicial dos manifestantes escalou para a violência contra os poderes democráticos no dia 8 de janeiro de 2023, em Brasília. Essa escalada da violência fortalece a tese deste

artigo, segundo a qual a linguagem dos manifestantes foi uma construção paulatina de hábitos desde as primeiras manifestações.

Em suma, a linguagem dos manifestantes é uma linguagem antigeocêntrica, da negação do mundo, do outro, do corpo, e, consequentemente, da negação da vida.

Com base na análise, o fluxograma da Figura 12 a seguir, visualiza o processo de formação da linguagem dos manifestantes antidemocráticos. É também um fluxograma que organiza a proposta de método apresentado neste artigo para a análise da prática comunicacional de ressignificação como hábito.

Figura 12 – Síntese da análise da linguagem dos manifestantes



Fonte: Elaborado pelo autor.

A Figura 12 é um fluxograma que esquematiza toda a discussão teórica deste artigo, com o intuito de propor um método de análise da prática comunicacional como linguagem. A numeração e as setas orientam uma ordem de leitura proposta, porém trata-se de um esquema teórico

metodológico que, nas situações reais de comunicação, pode ter etapa suprimida ou de difícil análise por não ser diretamente observável.

Os quadros laranjas apresentam os tópicos discutidos com base na teoria proprioceptiva e psicanalítica de Gaiarsa (2021). No quadro de número 1, o medo da queda permanece no inconsciente e influencia o jeito de ser da pessoa. No número 2, a pessoa produz sentido com as resultantes das relações de força dos elementos do ambiente. No número 3, em situações imprevistas para a pessoa, inconscientemente, os músculos formam atitudes para evitar a queda do corpo, mesmo que não seja risco real de cair. O número 4 comporta uma primeira conclusão para nossa tese: as relações de força ativam atitudes formadas pelos músculos em razão do receio humano de cair. Essas atitudes do corpo moldam o jeito de ser da pessoa ao criar hábitos, que variam em decorrência das relações com outros seres, objetos e ambientes.

Os quadros rosas apresentam o resumo da discussão acerca da formação dos hábitos, amparada em Borges (2020). Nesse sentido, o quadro de número 5 traz uma segunda conclusão importante: os hábitos formados pelas atitudes são passíveis de produção de sentido, portanto, podem se tornar linguagens. No número 6, os hábitos e as linguagens se retroalimentam: os hábitos criam linguagens ao mesmo tempo em que são influenciados por elas. Com isso, tendem a se transformar constantemente.

Os quadros verdes reúnem as discussões a respeito das relações de poder assimétricas de valorização das linguagens e a consequente má distribuição dos recursos, conforme discutido com auxílio de Goodwin (2012) e Kusters et al (2017). Nesse tocante, no quadro de número 7, as relações de poder hierárquicas e assimétricas entre as pessoas e classes sociais servem mais para reproduzirem hábitos do que para transformá-los. No número 8, alguns recursos e hábitos são mais valorizados do que outros pela hierarquia social de poder. O número 9 apresenta uma conclusão importante, que influencia sobremaneira a transformação de práticas comunicacionais em hábitos, qual seja, a oferta limitada de recursos de linguagem faz com que as pessoas optem por utilizar uma prática comunicacional consolidada, cuja repetição contribui para torná-la hábito e, consequentemente reproduzi-la, diminuindo sua capacidade transformadora. As relações de poder provocam a má distribuição de recursos de linguagem, o que favorece o uso daqueles recursos que são mais disponíveis, replicáveis e adaptáveis, contribuindo com a reprodução de hábitos.

Por fim, os quadros azuis concluem o esquema ao considerar, no número 10, que a prática comunicacional é um processo de ressignificação em vez de um processo de criação sempre original (Kress, 2010). O quadro de número 11 faz a seguinte síntese da tese deste artigo: a prática comunicacional de ressignificação pode se tornar ela mesma uma linguagem, pelo fato de ser constantemente reproduzida.

Todos os quadros possuem importância para a compreensão da discussão desenvolvida neste artigo e para a análise da linguagem dos manifestantes antidemocráticos. Há quadros que possuem setas direcionadas para mais de um quadro. Isso demonstra como as relações são complexas entre os fatores proprioceptivos, psicanalíticos, sociais e languageiros que sustentam a tese defendida neste artigo. Por isso, o fluxograma da Figura 12 é uma simplificação, pois outras relações e fatores são possíveis de compô-lo. Entretanto, ele se justifica no escopo da fundamentação teórica desenvolvida neste artigo, porque proporciona fundamentos para observar e analisar as relações de força e movimentação entre corpos, deles com os objetos e com o ambiente na produção de sentido e de linguagens.

5 Por uma multimodalidade do movimento

As discussões e os resultados deste artigo procuram demonstrar que o movimento dos corpos, as relações deles com objetos e outros seres no ambiente, bem como as relações de forças físicas empreendidas por eles podem ser elementos de análise na abordagem da multimodalidade. Da mesma forma, o estudo da integração desses elementos com outros modos semióticos como o verbal, o imagético e o layout é bem-vindo e necessário. De igual natureza, a análise dos gestos, do facial e das sensações humanas como a textura no tato e os sons cada vez mais deve fazer parte dos estudos da multimodalidade.

É relevante também a análise dos signos produzidos com esses elementos em diferentes ambientes que não mereceram atenção minuciosa até este momento. No entanto, eles podem revelar significados das relações de poder não transparentes entre as pessoas. Inclusive, o fato de esses signos serem opacos pode ser uma escolha do projeto de poder das classes dominantes do campo social analisado.

São necessários mais estudos sobre a formação de atitudes e hábitos em uma prática comunicacional de ressignificação em curso,

de preferência com observações diretas no próprio ambiente em que ela acontece. É preciso refinar o método de análise proposto na seção 4 deste artigo, utilizando-o em outras análises, de outros ambientes e campos sociais, com relações diversas entre as pessoas. Precisam ser verificadas questões relativas a como e por que determinadas atitudes e ações de práticas comunicacionais se tornam hábitos, ao passo que outras não. Dependeria do quanto os recursos empreendidos são mais adaptáveis e compartilhados? Em que medida dependeria das relações de poder desiguais praticadas no campo analisado?

Outros estudos sócio-histórico-discursivos da Antropologia, da Comunicação e da Sociologia sobre o corpo podem ser incorporados à proposta deste artigo, além de estudos das artes como a Dança, da Educação Física, da própria Física e disciplinas das Ciências Biológicas e de áreas da Saúde. O intuito interdisciplinar é promover critérios de análise e observação das relações proprioceptivas, de força e de poder entre as pessoas nas suas escolhas de design em práticas comunicacionais, bem como na produção de sentido. Isso pode criar procedimentos mais detalhados para os estudos de outros modos de representação que ainda não foram objeto da Sociossemiótica multimodal na sua investigação sobre a integração dos modos do discurso na produção de textos e de sentidos.

No que diz respeito aos resultados da análise da linguagem dos manifestantes antidemocráticos, ainda é importante dizer que o seu discurso de negação, movido pelo idealismo, impede o debate público e o progresso da democracia no Brasil, pois cessa o diálogo antes mesmo que ele germe, haja vista a linguagem que emergiu nos protestos não oferecer espaço (no sentido físico) para que interlocutores se posicionem (também no sentido literal) para a conversa. Afinal, para que o motorista dialogue com seu passageiro, este precisa estar do lado de dentro do caminhão.

Desse ponto de vista, problemas da democracia brasileira como a ausência de mobilidade social, a falta de representatividade das minorias e a má distribuição de recursos têm como causa, entre outras, o impedimento físico para as pessoas se movimentarem e ocuparem espaços de poder.

Referências

- ANDRADE, S.; FREITAG, Raquel. Objetivos educacionais e avaliações em larga escala na trajetória da educação superior brasileira: Enem, Enade e a complexidade cognitiva na retenção do fluxo. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasilia, v. 102, n. 250, p. 177-204. 2021. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.102.i260.4264>
- BAGNO, M. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola. 2003.
- BATEMAN, J. A. *Multimodality and Genre*: a foundation for the systematic analysis of multimodal documents. London: Palgrave Macmillan, 2008.
- BORGES, F. *O jeito do corpo e o jeitinho brasileiro*. 2005, 141 p. Tese (Doutorado em Comunicação Semiótica) – Faculdade de Comunicação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.
- BORGES, F. Uma abordagem corporal para corpos brasileiros. In: BORGES, F.C. (org.). *O legado de Gaiarsa*. São Paulo: Ágora, 2020. p. 151-164.
- BORGES, F. Gaiarsa no século XXI: a psicoterapia do sentido. In: GAIARSA, J. A. *A estátua e a bailarina*. Ed. 3. São Paulo: Ágora, 2021.p.9-16.
- BORTONI-RICARDO, S. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola. 2004.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DAMÁSIO, A. *O erro de Descartes*: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Cia das Letras, 2012.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's Hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FILIPE, F.; SILVA, D.; COSTA, A. Uma base comum na escola: análise do projeto educativo da Base Nacional Comum Curricular. *ENSAIO*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 112, p. 783-803, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002902296>

GAIARSA, J. A. *A estátua e a bailarina*. Ed. 3. São Paulo: Ágora, 2021 [1976].

GOODWIN, C. The co-operative, transformative organization of human action and knowledge, *Journal Academy of Hospital Administration*, Deli, v. 46, n.1, p. 08-23. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j pragma.2012.09.003>

GUALBERTO, C.; SANTOS, Z. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte. *DELTA*, São Paulo, v.35, n.2, p. 02-30, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460X2019350205>

HODGE, R.; KRESS, G. *Social Semiotic*. Cambridge: Polity Press, 1988.

JENKIS, H. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KRESS, G. *Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication*. London: Routledge, 2010.

KRESS, G.; Leeuwen, T. *Critical Layout Analysis*. *Berghan Books*, Oxford, v. 1, n. 1. p. 25-43, 1995.

KRESS, G.; Leeuwen, T. *Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

KRESS, G.; Leeuwen, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London: Routledge, 2006 [1996].

KUSTERS, A.; SPOTTI, M.; SWANWICK, R.; TAPIO, E. Beyond languages, beyond modalities: transforming the study of semiotic repertoires. *International Journal of Multilingualism*, London, v.14, n.13, p. 219-232, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/14790718.2017.1321651>

LEMOS, A.; LÉVY, P. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

MONTEIRO, J. *Dez lições sobre Bourdieu*. Petrópolis RJ: Vozes, 2018.

NAVAS, E. 2008. *Remix: the bond of repetition and representation*. Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/nazare-confusa>. Acesso em: 20 dez. 2020. s/p.

PRADO, P. Minha experiência com Gaiarsa, o senhor das estradas. In: BORGES, F.C. (org.). *O legado de Gaiarsa*. São Paulo: Ágora, 2020. p. 89-108.

SANTIAGO, S. *Uma Literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOUZA, J. *Subcidadiana brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro*. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.